

Referências

- BOWLBY, J. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- _____. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: DF: Senado, 1988.
- BRAZELTON, T. B. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- CHAVES, A. *Adoção*. Belo Horizonte: Del Rey editora, 1995.
- CURY, M. S.; ANTONIO, F. A.; MENDEZ, E. G. (coord) *Estatuto da criança e do adolescente comentado*. 3 ed. São Paulo: Malheiros Editores Ltda, 1992.
- DOLTO, F. *No jogo do desejo*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1984.
- _____. *Dialogando sobre crianças e adolescentes*. São Paulo: Editora papyrus, 1989.
- FREUD, S. Luto e melancolia. (1917). In: FREUD, S. Rio de Janeiro: Imago. ESB. Editora. v. 4. 1980.
- GOLDENBERG, C. W. *Psicologia jurídica da criança e do adolescente*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 3. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes. p.27-30, 1970.
- MANNONI, M. *Educação impossível*. Rio de Janeiro: Editora São Francisco, 1977.
- _____. *De um impossível a outro*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.
- SPIZ, A. R. *O primeiro ano de vida*. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1980.
- TEIXEIRA, S. F. *Direitos de família e do menor*. Belo Horizonte: Del Rey, 1993.
- VIANNA, M. A. S. *Da guarda, tutela e da adoção*. Belo Horizonte: Del Rey, 1993.
- WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1987.

“O coração tem razões que a própria razão desconhece”*: O erro metodológico da psicoterapia cognitiva e a lição da psicanálise

J. LANDEIRA-FERNANDEZ, *Diretor de Pesquisa do Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá. Professor do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.*

“No transcorrer dos séculos, o ingênuo amor-próprio dos homens teve de submeter-se a dois grandes golpes desferidos pela ciência. O primeiro foi quando souberam que a nossa Terra não era o centro do universo, mas o diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se pode imaginar. Isto estabelece conexão, em nossas mentes, com o nome de Copérnico, embora algo semelhante já tivesse sido afirmado pela ciência de Alexandria. O segundo golpe foi dado quando a investigação biológica destruiu o lugar supostamente privilegiado do homem na criação, e provou a descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal. Esta nova avaliação foi realizada em nossos dias, por Darwin, Wallace e seus predecessores embora não sem a mais violenta oposição contemporânea. Mas a megalomania humana terá sofrido seu terceiro golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual que procura provar ao ego que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa. devendo, porém contentar-se com escassas informações acerca de que acontece inconscientemente em sua mente. Os psicanalistas não foram os primeiros e nem os únicos que fizeram essa invocação à introspecção; todavia, parece ser nosso destino conferir-lhe expressão mais vigorosa e apoiá-la com material empírico que é encontrado em todas as pessoas.”

(Sigmund Freud, 1917, pag 336)

Resumo

A escola behaviorista destacou-se como grande sistema na ciência psicológica pelas críticas levantadas ao o método introspectivo e a adoção do método

comportamental. Surpreendentemente, a terapia cognitiva, que emprega o instrumento científico adotado pelo behaviorismo, vem adotando o método introspectivo na sua prática clínica. O presente trabalho pretende chamar a atenção dos terapeutas cognitivos para os problemas que o método introspectivo pode apresentar, especialmente quando utilizado para avaliar disfunções de ordem emocional. O conceito de inconsciente é rapidamente apresentado e alguns resultados experimentais que omparam esse conceito são discutidos. Finalmente, discute-se porque a eficácia da terapia cognitiva não pode servir como prova real do seu sistema teórico. Sugere-se que a cura produzida pela terapia cognitiva, bem como qualquer outra forma de ajuda psicológica, ocorra graças ao envolvimento emocional do paciente com a situação terapêutica e com a pessoa que está oferecendo a ajuda psicológica.

Palavras Chaves: Métodos em Psicologia, Psicologia: Ciência e Profissão, Psicologia Experimental

Abstract

The most important contribution of the behaviorism to the psychological scientific enterprise was its criticism to the introspectionism and the adoption of a method based exclusively on the individual's behavior. Surprisingly, cognitive therapy, which takes up the behaviorism scientific posture, employs the introspectionism method on its clinical practice. The purpose of the present paper is to call the attention of the cognitive therapist regarding the faults of this method, especially when applied to deal with human emotional problems. The concept of unconsciousness is briefly presented and some experimental results which support this concept are discussed. Finally, it is discussed why the effectiveness of the cognitive therapy can not be used as an index of its theoretical framework validity. It is suggested that the psychological improvement observed after cognitive therapy as well as other forms of psychological helping, are due to the patient's emotional responses toward the therapeutic situation as well as to the person who is offering the psychological assistance.

Key Words: Psychological Methods, Psychology as a Basic and Applied Science, Experimental Psychology

Poucos irão discordar que o objetivo da psicologia é o estudo da mente. Embora essa definição seja simples e óbvia, não existe muito consenso do

que se entende exatamente por mente. A disparidade é tanta que certas escolas como, por exemplo a inteligência artificial ou a sociobiologia, postulam a existência de uma suposta mente entre máquinas (Kolata, 1996; Lenat, 1995) ou insetos (Wilson, 1981), enquanto que outras, como por exemplo o behaviorismo, acreditam que o conceito de mente é totalmente desnecessário para a compreensão da natureza humana (Skinner, 1954). Além dessa incongruência sobre a noção de mente, existe outra discussão acerca da importância da consciência desses processos mentais na vida psicológica do sujeito. Certas escolas, como por exemplo a fenomenologia e o estruturalismo, acreditam que o objeto de estudo da psicologia restringe-se aos processos mentais conscientes (Schulz e Schulz, 1969). Em contra posição, a psicanálise propõe que o verdadeiro campo de estudo da psicologia é o inconsciente (Freud, 1917). Dai os conceitos de conteúdo manifesto e conteúdo latente bem como a analogia do iceberg sugeridos pela psicanálise. O conteúdo manifesto é aquilo que está na consciência e corresponde à porção do iceberg que se observa no mar. O conteúdo latente, verdadeiro responsável pela atividade psicológica humana, é totalmente desconhecido ao sujeito e corresponde à grande porção do iceberg imersa no mar, e assim imperceptível a aqueles que estão na superfície.

Essa discussão, que acabam criando um conhecimento psicológico confuso e retalhado, é, em última análise, consequência da falta de um método capaz de realmente avaliar a mente humana. A física, a química ou a biologia, por exemplo, não enfrentam esse problema, uma vez que o seu objeto de estudo não fala. Como seres humanos falam, nada mais natural do que perguntar ao sujeito experimental o que ele está sentindo e assim obter respostas aos problemas levantados. Esse método, denominado de introspectivo, foi na verdade, o primeiro método a ser utilizado quando a psicologia nasce como uma ciência independente da filosofia (Wundt, 1896).

No entanto, nem sempre o que é óbvio é o mais indicado. Nesse sentido, existe ainda hoje, grande ceticismo a respeito da adequação do método introspectivo dentro da psicologia. Para algumas escolas, como por exemplo, o behaviorismo e a psicanálise, aquilo que o sujeito fala nem sempre reflete a verdadeira causa da sua ativação psicológica. Por exemplo, existem processos mentais difíceis de serem expressos através da linguagem, de forma que a sua avaliação pode ficar comprometida. Linguagem é produto de áreas corticais específicas do hemisfério esquerdo (Gazzaniga, 1988) ao passo que emoções estão relacionadas com estruturas subcorticais, e assim de natureza inconsciente ao sujeito (LeDoux, 1998).

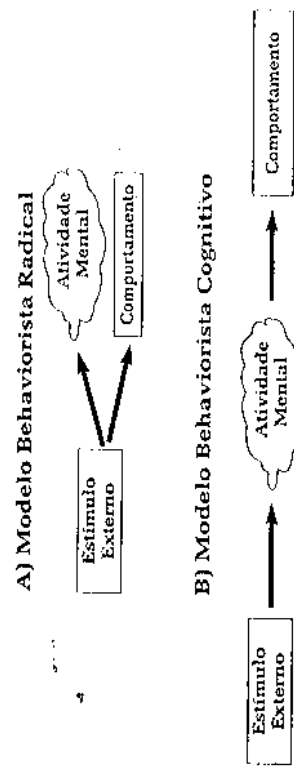
O fato de grande dificuldade que temos em expressar de forma verbal os nossos sentimentos é um exemplo dessa dissociação entre linguagem e processos emocionais. Outro exemplo que também ilustra essa dissociação é o fenômeno dos hemisférios divididos (Sperry, 1982). Pacientes que sofrem uma completa transeção do corpo caloso não apresentam maiores prejuízos psicológicos. No entanto, investigações mais cuidadosas revelaram que, quando estímulos são apresentados exclusivamente no hemisfério direito desses pacientes, eles não têm a menor consciência da sua apresentação. Não existe qualquer verbalização dos estímulos que foram registrados pelo hemisfério direito. No entanto, o sujeito apresenta uma série de evidências, tais como expressões corporais e reações emocionais, de que esse estímulo apresentado no hemisfério direito alterou sua atividade mental. Vejamos um outro exemplo agora utilizando pessoas normais como sujeitos experimentais: Pessoas aparentemente escolhem estímulos conhecidos ou familiares em relação a estímulos novos que nunca foram observados anteriormente. Assim, quando sujeitos são expostos a certos estímulos (inclusive faces humanas) mas não a outros, eles tendem a escolher os estímulos que foram apresentados anteriormente (Thorndike, 1989; Lazarus, 1991). Intrigante é o fato de que a preexistência subliminar desses estímulos, de tal forma que os sujeitos não tenham a menor consciência de tê-los observados anteriormente, também determina a escolha desses estímulos (Zajonc, 1980). O mais interessante é que os sujeitos podem confabular as razões mais variadas que justifiquem a sua escolha. Dessa forma, confiar apenas no relato verbal do sujeito pode não ser a melhor alternativa para realmente se compreender a atividade mental humana.

Em contra posição ao método introspectivo, surge o método comportamental (Watson, 1913). De acordo com esse método, processos psicológicos podem ser quantificados através de manifestações comportamentais e fisiológicas. A grande vantagem desse método é a de que a linguagem não é necessária para aferir a atividade psicológica do sujeito. É interessante notar que se por acaso existir uma incongruência entre o comportamento de uma pessoa e o seu relato verbal, o seu comportamento, por via de regra, é mais informativo. Por exemplo, se uma pessoa está chorando mas insiste em dizer que está contente conclui-se que o sujeito está triste.

O impacto do método comportamental foi tremendo e surpreendentemente surgiram várias ramificações dentro do behaviorismo, sempre ancoradas a um determinado autor. Daí temos, por exemplo, Thorndike (1911), Guthrie (1930), Tolman (1932), Hull (1943), Miller (Miller e Dollard, 1941), Spencer (1956), Mowrer (1939) e Skinner (1953). Dentre essas ramificações, a posição mais radical foi a adotada por Skinner, cujo modelo acredita que o

comportamento não é função (isto é, depende) da atividade mental consciente do sujeito, mas sim dos estímulos externos e suas contingências passadas. Como pode ser observado na Figura 1A, Skinner lança a idéia de que o comportamento do indivíduo não está diretamente relacionado a processos mentais conscientes. Depende de estímulos ambientais e suas consequências. Não se trata em afirmar que seres humanos não têm mente. É óbvio que todo ser humano tem sentimentos. O que Skinner sugere é que essa atividade mental é produto da estimulação ambiental mas não tem capacidade de causar comportamento. Comportamento é consequência direta de estímulos externos e da sua história passada. Dessa forma, se o psicólogo deseja descobrir o que causa um determinado comportamento, ele não deve procurar suas causas na atividade mental consciente do sujeito mas sim nas relações entre estímulos e suas consequências. Essa posição radical causou grandes discussões de cunho emocional e até pessoal, entre psicólogos e filósofos. Deve-se destacar que, discordar da posição behaviorista radical não significa abandonar o método comportamental. A própria psicologia cognitiva, como apresentada na Figura 1B, utiliza o método comportamental mas acredita que processos internos, como por exemplo, cognição, emoção ou simbolismo, influenciam a expressão comportamental do sujeito. Na verdade, o behaviorismo cognitivo utiliza o comportamento do sujeito, seja ele animal ou humano, como indicador da sua atividade mental.

Figura 1 - Diferentes modelos behavioristas acerca da relação entre estímulos externos, atividade mental e comportamento



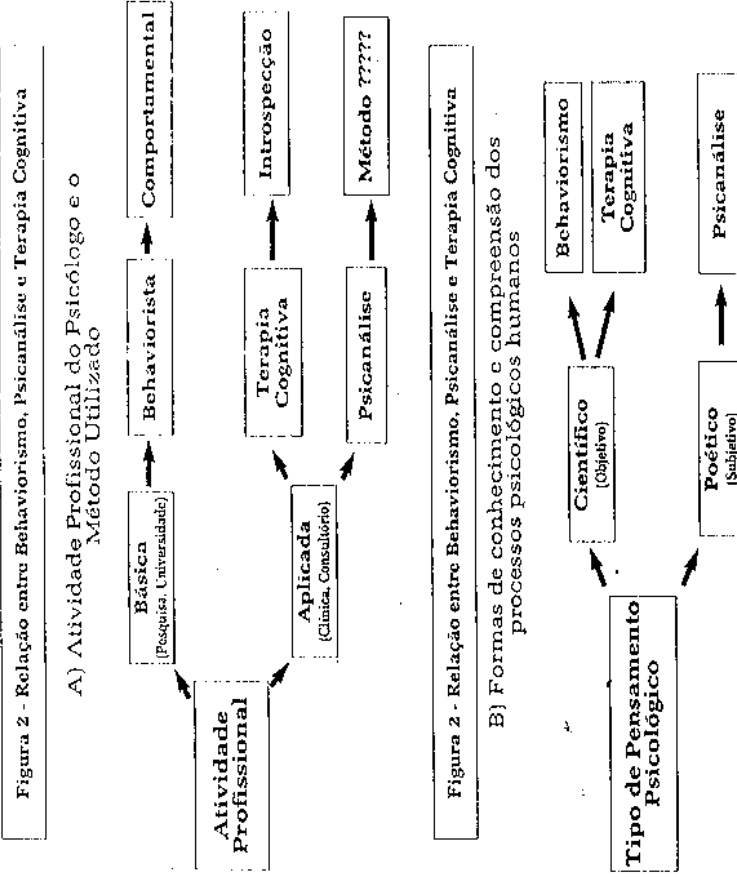
É importante destacar que o fato de um sistema teórico empregar termos mentalistas não significa que esse sistema seja dualista. A visão dualista acredita que toda e qualquer atividade mental humana deriva de processo

inateriais ou incorpóreos. Em contraposição, a visão monista acredita que toda e qualquer atividade psicológica, seja ela humana ou animal, depende de uma atividade física, mais especificamente, de uma atividade neural (Damásio, 1994). Assim, para a visão monista, a presença de uma atividade mental está relacionada a uma atividade neural. Quanto maior for o desenvolvimento desse tecido neural, mais rica será a atividade psicológica ou mental do sujeito. Assim, é possível um sistema teórico que utilize termos mentalistas sob a ótica monista.

Tolman (1932) foi o criador do modelo cognitivista dentro do behaviorismo. Ele percebeu que a simples utilização de termos como estímulos e respostas, conforme sugerido pelo modelo radical de Skinner, não eram suficientes para explicar toda a riqueza comportamental presente nos animais e seres humanos. Para isso, Tolman acreditava que termos mentalistas deveriam ser utilizados como uma espécie de variáveis hipotéticas a fim de explicar variações comportamentais. Obviamente não é possível medir ou quantificar emoções, motivações ou qualquer outro processo mental de um animal. No entanto, se essas variáveis influenciam o comportamento do sujeito então pode-se utilizar o seu próprio comportamento como indicador desses processos mentais. Esta é exatamente a tática utilizada pelo behaviorismo cognitivo. Mesmo com seres humanos, onde existe a possibilidade de comunicação através da linguagem, o método introspecionista não é utilizado. O comportamento é a única forma de se quantificar a atividade mental do sujeito, e é exatamente esse fato que caracteriza a escola behaviorista.

Uma das principais diferenças entre o behaviorismo e a psicanálise é o fato de que o behaviorismo é uma escola com interesses puramente acadêmico-científicos, cujo objetivo é descobrir leis naturais acerca da natureza humana. Já a psicanálise se caracteriza pela sua preocupação eminentemente clínica. O seu objetivo é o desenvolver uma prática profissional a fim de oferecer um serviço de ajuda aplicado ao bem estar do indivíduo. Nesse sentido, terapeutas cognitivos compartilham com os psicanalistas esses objetivos profissionais. No entanto, a terapia cognitiva, ao contrário da psicanálise, busca atingir esses objetivos profissionais através do emprego do método científico. Daí a grande simpatia entre terapeutas cognitivos e behavioristas. Ambos acreditam que a ciência é a palavra chave para a compreensão da mente humana. Por outro lado, o conhecimento psicanalítico está mais relacionado a um conhecimento linguístico-poético-artístico. Não é por acaso que o maior prêmio que Freud obteve na sua carreira foi na área de literatura. Mais ainda, as teses de mestrado e doutorado na área da psicanálise que são hoje produzidas nos Departamentos de psicologia estariam bem mais adequadas

em Departamentos de letras. O conhecimento produzido pela psicanálise está mais relacionado com a intuição e empatia caracterizado pelo relacionamento pessoal (Graeff, 1996). Não é um conhecimento objetivo, como deseja ser o da terapia cognitiva, mas sim de ordem subjetiva, que depende, em grande parte da sensibilidade individual do terapeuta. Mais ainda, existe um certo consenso entre psicanalistas da dificuldade de se impor uma investigação empírica na sua prática clínica e que o conhecimento psicanalítico nunca foi, é, e dificilmente será regulado por noções científicas que seguem o modelo positivista (Figueiredo, 1995). Essa complexa relação entre behaviorismo, psicanálise e terapia cognitiva está ilustrada nas Figuras 2 A e 2 B.



Fica claro que o behaviorismo, tal como escola ou sistema psicológico, com suas várias correntes, se caracteriza pela utilização do método comportamental em contraposição ao método da introspecção. Por outro lado, a posição da terapia cognitiva, dado que o sujeito tem total consciência da sua ati-

idade psicológica bem como das suas distorções, utiliza o método introspectivista (Beck e Freeman, 1993). A consciência dessas disfunções são tão presentes que podem inclusive se transformar em crenças. Dessa forma, o objetivo da terapia cognitiva, através do emprego do método introspectivista, é de detectar essas disfunções psicológicas e promover uma alteração cognitiva do paciente, modificando essas crenças e assim a disfunção psicológica. Mas digamos que a verdadeira origem da disfunção psicológica não é consciente ao paciente. A crença que o paciente apresenta é apenas uma confabulação de processos que ele próprio desconhece. As pessoas, por mais inteligentes que sejam, criam suas próprias razões a respeito dos seus processos emocionais; sem que, no entanto, tenham a menor consciência das verdadeiras causas dessas disfunções. LeDoux, (1996) expressa essa idéia da seguinte forma: "(...) grande parte do funcionamento emocional se dá de forma inconsciente: por consequência, a emoção vai muito mais além do que podemos vislumbrar com nossa introspecção". Esta idéia talvez seja a grande lição que a psicanálise tenha a mostrar. O conceito de inconsciente, como variável importante na determinação do comportamento humano vem encontrando grande amparo em estudos experimentais que utilizam o método comportamental como guia (Damasio, 1994; LeDoux, 1996).

Isto, obviamente, não implica que a introspecção deva ser totalmente descartada da clínica psicológica. Mostra, na verdade, que o terapeuta deve estar atento para o fato de que as causas, por mais claras e óbvias que os pacientes possam trazer para a sessão, podem ser confabulações que não refletem os verdadeiros mecanismos que geram uma determinada disfunção psicológica. Dessa forma, terapeutas cognitivos não podem confiar totalmente no relato verbal do seu paciente e a partir daí desenvolver um tratamento.

O que é mais intrigante é o fato de que, a despeito do suposto desconhecimento, tanto por parte do paciente como por parte do terapeuta, das verdadeiras razões de uma disfunção psicológica concreta de um determinado paciente, terapeutas cognitivos são capazes de programar tratamento eficazes e capazes de produzir uma melhora do indivíduo (Rangé, 1995). Deve-se notar, no entanto, que a recuperação de certas disfunções não indica que a teoria que está por trás desse tratamento é verdadeira. A melhora de um paciente, sem qualquer grupo controle, não pode ser utilizado como indicador da veracidade de uma teoria. Como indicamos em trabalho anterior (Landeira-Fernandez e Cruz, no prelo), uma gama quase que infinita de psicoterapias, tradicionais ou alternativas, cultos religiosos dos mais variados, e outras formas de ajuda psicológica, cujo corpo teórico pode ir desde posições altamente objetivas e racionais até a mais criativas e, por vezes, não muito

racionais, pode também aliviar sintomas característicos de certas disfunções mentais. O grande crescimento das psicoterapias alternativas, tais como a cromoterapia, florais de Bach, terapia de regressão a vidas passadas e psicologia transpessoal (Gauer, Souza, Mollin e Gomes, 1997) é um exemplo da falácia entre eficácia terapêutica e consistência do seu corpo teórico. Em outras palavras, a eficácia de uma técnica psicoterapêutica não pode servir como prova do corpo teórico que justifica essa técnica. Se assim o fosse, como explicar as melhoras alcançadas pelas mais diversas formas de psicoterapia que sustentam posições teóricas tão distintas? Por outro lado, o que parece comum a todas essas formas de ajuda psicológica é o envolvimento emocional do paciente frente a situação psicoterápica, bem como em relação a aquele que oferece a ajuda psicológica. Por mais objetiva ou iria que seja a orientação teórica do psicoterapeuta, pacientes choram, ficam com raiva, se apaixonam e expressam as mais diversas emoções durante as sessões de psicoterapia. Talvez seja essa a verdadeira causa da cura psicológica. Nem o paciente, nem o terapeuta têm consciência dos processos que estão ocorrendo durante a cura de certas disfunções mentais, disfunções essas que ambos também desconhecem. As alterações na atividade mental promovidas pelo psicoterapeuta parecem não ser de caráter cognitivo consciente mas sim de ordem emocionais inconsciente. É como se as habituais consultas psicológicas funcionassem como sessões de fisioterapia. Só que ao invés de alterar o funcionamento de tecido muscular através de exercícios físicos, a psicoterapia estaria alterando o funcionamento de tecido neural através de exercícios emocionais. Em consonância com essa posição são obtidos resultados através de técnicas de neuroimagem onde se observou que a psicoterapia cognitivo-comportamental, capaz de aliviar sintomas obsessivos compulsivos, produziu alterações em tecido neural subcortical, mais exatamente no núcleo caudado do hemisfério direito, mas não em áreas corticais específicas da cognição humana (Baxter, Schwartz, Bergman, Szuba, Guze, Mazziotta, Alazraki, Selin, Ferrig, Munford & Phelps, 1992; Schwartz, Stoessel, Baxter, Martin & Phelps 1996). Dessa forma, o que parece mudar durante a psicoterapia cognitiva não são processos cognitivos mas sim mecanismos emocionais de natureza inconscientes. É o mais interessante é que, pacientes e terapeutas, cada qual criando suas próprias razões*, não se dão conta disso.

*É bem possível que grande parte das teorias explicativas acerca da atividade psicológica humana, especialmente aquelas que dão suporte às terapias alternativas, tenham surgido através dessas confabulações cognitivas.

REFERÊNCIAS

- BAXTER, L.R. et al. Caudate glucose metabolic rate changes with both drug and behavior: therapy for obsessive-compulsive disorder. *Archives of General Psychiatry*, Chicago, n. 4, p.681-689, 1992.
- BECK, A.; FREEMAN, A. *Terapia cognitiva dos transtornos de personalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BORNTEIN, R.F. Exposure and effect: overview and metaanalysis of research 1968-1987. *Psychological Bulletin*, Washington, n. 1060, p. 265-289, 1989.
- DAMÁSIO, A.R. *O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1994.
- FIGUEIREDO, L.C. Investigação em psicologia clínica, em psicologia no Brasil: Direções epistemológicas. *Conselho Federal de Psicologia*, Brasília, p.65-80, 1995.
- FREUD, S. *Fixação em traumas - O inconsciente*. Conferências introdutórias sobre psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XVI, 1975.
- GAUER, G et al. Terapias alternativas: uma questão contemporânea em psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, p. 21-32, 1997.
- GAZZANIGA, R.S. Organization of human brain. *Science*, Washington, v. 6, p.947-952, 1988.
- GRAEFF, F.G. Prefácio. Em GRAEFF, F.G.; BRANDÃO, M.L. (eds). *Neurobiologia das Doenças Mentais*. Lemos. São Paulo, 1996.
- GUTHRIE, E.R. Conditioning as a principle of learning. *Psychological Review*, Washington, n. 37, p.412-332, 1930.
- HULL, C.L. *Principles of behavior*. New York: Appleton, 1943.
- KOLATA, G. With major math, brute computers show flash of reasoning power. *New York Times*, New York, 1996.
- LANDEIRA-FERNANDEZ, J.; CRUZ, A. P.M. (no prelo) A interpretação psicobiológica da clínica psicológica: porque a psicoterapia cura? porque psicólogos clínicos devem ter o direito de prescrever drogas psicotrópicas? *Cadernos de Psicologia*. Rio de Janeiro, 1998.
- LAZARUS, S.R.S. Progress on a cognitive - motivational - relational theory of emotion. *American Psychologist*, Washington, v. 46, p. 352-367, 1991.
- LEDoux, J. *O Cérebro Emocional: Os misteriosos alicerces da vida emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- LENAT, D.B. Artificial intelligence. *Scientific American*, Washington, p. 80-82, 1995.
- MILLER, N.E.; DOLLARD, J. *Social learning and imitation*. Yale university press. New Haven, 1941.
- MOWRER, O. H. A stimulus-response analysis of anxiety and its role as a reinforcer agent. *Psychological Review*, Washington, n. 46, p. 553-564, 1939.
- PASCAL, B. *Pensées*. Great Books of the Western World, Encyclopaedia Britannica, Inc. 3. ed., Chicago: v. 30, 1993.
- PAVLOV, I.P. *Experimental psychology and psychopathology in animals*. In: *Congresso Internacional de Medicina*, Madrid, Espanha, 1903.
- RANGÉ, B. Bases filosóficas, históricas e teóricas da psicoterapia comportamental e cognitiva. In: RANGÉ, B. (ed.). *Psicoterapia Comportamental e Cognitiva de Transtornos Psiquiátricos*. Campinas: Editora Psy, v. 1, 1995.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S.E. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SCHWARTZ, J.M et al. Systematic changes in cerebral glucose metabolic rate after successful behavior modification treatment of obsessive-compulsive disorder. *Archives of General Psychiatry*, n. 53, p. 109-113, 1996.
- SKINNER, B.F. *Ciência e Comportamento*. São Paulo: EDUSP, Science and Human Behavior, 1974.
- SPERRY, R.W. Some effects of disconnecting the cerebral hemispheres. *Science*, Chicago, n. 217, p. 1223-1226, 1982.
- SPENCE, K.W. *Behavior theory and conditioning*. Yale University Press, New Haven, 1956.
- THORNDIKE, E.L. *Animal intelligence*. Macmillan, New York, 1911.
- TOLMAN, E.C. *Purposive behavior in animals and men*. New York: Century, 1932.
- WATSON, J.B. Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, Washington, n. 20, p.38-177, 1913.
- WILSON, E. O. *Da natureza humana*. São Paulo: EDUSP, 1981.
- ZAJONC, R.B. Feeling and thinking: Preferences need no inferences. *American Psychologist*, Washington, n. 35, p.151-175, 1980.
- WUNDT, W. *Outline of psychology*. Engelmann, Leipzig, 1896.